

De oleribus.
Argumentos a favor da utilização do termo “olericultura”*

Domingos P. F. Almeida
Secção Autónoma de Ciências Agrárias
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Horticultura, no significado internacional do termo, engloba as fitotecnias em que as culturas são conduzidas com grande intensidade de actuação fitotécnica, justificada pelo elevado valor acrescentado dos seus produtos. A discussão sobre os termos adequados para designar as disciplinas hortícolas não é nova, nem se esgota neste ensaio, onde procurarei mostrar que a utilização do termo “olericultura”:

- 1) é etimologicamente adequada;
- 2) contribui para a uniformização e clarificação da terminologia;
- 3) possui justificação histórico-linguística.

Um nome disponível para uma disciplina em busca de designação

O conceito técnico-científico de Horticultura tem, naturalmente, evoluído, com redefinição dos agrupamentos de culturas. O termo Horticultura é utilizado pela Associação Portuguesa de Horticultura em sentido lato, em consonância com a sua utilização nos círculos técnico-científicos internacionais, para designar a cultura de hortaliças, de fruteiras (incluindo a vinha), de plantas aromáticas e medicinais e de todas as plantas ornamentais. Assim sendo, a palavra tem necessariamente de ser adjectivada para se referir apenas às hortaliças. A expressão “Horticultura Herbácea Alimentar” surge como uma possibilidade. A caricata expressão “horticultura em sentido restrito” é outra. A alternativa é Olericultura.

Etimologicamente a palavra “olericultura” significa cultura de hortaliças. Mas será “olericultura” um termo apropriado para designar a disciplina que tem por objecto as hortaliças? Olericultura é o termo actualmente utilizado pela Associação Portuguesa de Horticultura para designar uma vice-presidência, é nome de disciplina em diversas instituições portuguesas de ensino superior, dá nome à Sociedade técnico-científica brasileira que se ocupa do mesmo objecto. Universidades norte-americanas têm recentemente adoptado o termo *olericulture* para designar disciplinas onde se estudam as hortaliças, contra a tradição anglo-saxónica do simples *vegetables*.

No entanto, uma consulta a diversos dicionários da língua portuguesa editados em Portugal poderia indicar que a palavra “olericultura” não existe no nosso idioma. Na verdade, ela não consta de dicionários de grande circulação como o da Porto Editora, nem está referida no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (DLPC) editado pela Verbo sob o patrocínio da Academia de Ciências de Lisboa.

Mas o termo olericultura e palavras com a mesma raiz estão disponíveis na língua portuguesa. O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, editado no Brasil, onde a palavra olericultura é largamente utilizada nos círculos técnico-científicos, define olericultura como “cultura de legumes”. Entre os dicionários editados em Portugal a que tive acesso, apenas o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (Círculo de Leitores), regista oleráceo, olericultor e olericultura. Machado (1967)¹ regista o adjectivo “oleráceo”, sinónimo de herbáceo, indicando que nos chegou do latim

* Versão original de um texto publicado no Boletim Informativo da Associação Portuguesa de Horticultura n° 70, Julho 2002, pp. 7-10.

olerācĕu por via culta e o DLPC regista “oleroso”, “que tem legumes, hortaliça”. O termo latim *oleracea*, que serve de epíteto específico a diversas culturas hortenses, é também sobejamente conhecido.

É, pois, evidente que olericultura e palavras com a mesma raiz existem de facto no idioma, mesmo nesta sua versão europeia utilizada por uns 6% dos falantes da língua portuguesa. Mas a palavra “horticultura” existe no nosso idioma desde 1837 (Machado, 1967)¹. Porquê insistir agora em substituir um termo velho de quase 2 séculos por um nome que não é reconhecido pelo grande público e que grande parte daqueles que trabalham com as culturas ditas hortícolas tem dificuldade em aceitar? Porque a utilização do termo Olericultura para designar a disciplina que se ocupa das hortaliças permite libertar o termo Horticultura para assumir em plenitude o seu conceito mais vasto, em consonância com o significado internacional. Mas, terá esta designação legitimidade histórica?

Um argumento medieval

É interessante recuarmos no tempo e analisarmos o livro *Etymologiae*², escrito por Santo Isidoro de Sevilha no início do séc. VII. O capítulo 17 (*Liber XVII*) desta obra, intitulado *De rebus rusticis* (acerca da agricultura) aborda a origem das palavras relacionadas com a agricultura e está subdividido nos seguintes títulos:

1. Sobre os escritores de temas agrícolas (*De auctoribus rerum rusticarum*)
2. Sobre o cultivo dos campos (*De cultura agrorum*)
3. Sobre os cereais (*De frumentis*)
4. Sobre as leguminosas (*De leguminibus*)
5. Sobre as videiras (*De vitibus*)
6. Sobre as árvores (*De arboribus*)
7. Sobre os nomes próprios das árvores (*De propriis nominibus arborum*)
8. Sobre as árvores aromáticas (*De aromaticis arboribus*)
9. Sobre as ervas aromáticas ou comuns (*De herbis aromaticis sive communibus*)
10. Sobre as hortaliças (*De oleribus*)
11. Sobre as hortaliças com cheiro (*De odoratis oleribus*)

É evidente, pela organização que S. Isidoro deu ao capítulo, que a forma como hoje agrupamos as culturas foi, no essencial, proposta pelos agrónomos romanos e mantinha-se no início da Idade Média. A leitura do *Liber XVII* é interessantíssima, mas a sua análise fica fora do âmbito deste ensaio. Detenho-me apenas nalguns pontos que tratam das hortaliças. Em *De oleribus*, S. Isidoro explica a etimologia de culturas como a pastinaca, o nabo, a mostarda, a alface, a cebola, o alho, o alho-francês, entre outras. Curiosamente, é aqui que são incluídos os fungos (*fungi*) e a trufa (*tuber*).

É também em *De oleribus* que o autor define horto:

“O horto (*hortus*) recebe este nome porque nele sempre nasce algo. Enquanto em qualquer outra terra somente se dá uma produção por ano, o horto nunca permanece sem fruto”

Já o aipo, a salsa, o coentro, o funcho, a hortelã e a salva são abordadas no ponto dedicado às hortaliças com cheiro (*De odoratis oleribus*), enquanto o açafraão, o tomilho, o orégão, a artemísia, e o absinto, são discutidos conjuntamente com o gladiolo, a rosa, a hera, e a urtiga, no ponto intitulado “Ervas Aromáticas ou Comuns” (*De herbis aromaticis sive communibus*). É interessante notar que espécies da

Floricultura e das Plantas Aromáticas e Medicinais, hoje fitotecnias autónomas, eram diferenciadas pelo odor, o que está relacionado com a sua utilização, mas tendo em comum o facto de serem reconhecidamente herbáceas.

A manter-se a dicotomia romana do *hortus* vs *ager*, a palavra Horticultura teria chegado até nós com o significado anglo-saxónico do termo e para o tema específico das hortaliças teríamos reservado, tal como S. Isidoro o fez, palavras derivadas de *olus*. Ignoro o que se terá passado na noite dos tempos para que, entre nós, “horticultura” se tenha substituído a “olericultura” quando se refere apenas às hortaliças.

Transliterações perigosas

É oportuno também questionar a designação do objecto da disciplina de Olericultura. “Legumes”, “hortaliças” e “produtos hortícolas” são designações possíveis, às quais se poderia acrescentar “produtos olerícolas”. No dicionário do Círculo de Leitores, acima referido, a palavra “hortaliça” é definida como:

“Nome genérico de plantas **leguminosas** comestíveis, cultivadas em horta, **tais como** couves, alfaces, cenouras, leguminosas, tomates, etc.”

Devem estar a sentir o arrepio que eu senti ao ler esta definição! Mas a confusão não se fica por aqui. O DLPC define “hortaliça” como “conjunto de plantas leguminosas ou herbáceas, utilizadas em culinária e cultivadas nas hortas”. “Legume”, segundo o mesmo dicionário, tanto é o fruto das leguminosas como produto hortícola. A confusão está instalada.

O pior dano que podemos fazer à Horticultura Herbácea Alimentar não é designá-la por Olericultura, mas sim definir o seu objecto de forma errónea e confusa. Receio que, com o nosso pudor em relação a certas palavras (hortaliça, por exemplo), a prevalência da informação em inglês e o fraco domínio que muitos dos que traduzem do inglês para o português possuem de ambas as línguas (pelo menos no que diz respeito à olericultura) possa ir agravando a confusão de terminologia. E continuaremos a ver *vegetables* transliterados em vegetais (sinónimo de plantas, em vez de traduzidos por hortaliças), *legumes* em legumes (sinónimo de hortaliça, em vez da tradução correcta, leguminosas), *horticulture* em horticultura (apenas válido se no termo englobarmos a olericultura, a fruticultura, a viticultura, as ornamentais, as aromáticas e medicinais). A palavra *arboriculture*, que em inglês designa a disciplina de trata de árvores nos espaços verdes urbanos, sendo, portanto do âmbito da Horticultura Ornamental, foi recentemente transliterada para português como arboricultura (por exemplo em “Sociedade Portuguesa de Arboricultura”), termo que tem sido utilizado entre nós como sinónimo de fruticultura. Algumas destas tendências são irreversíveis. Na minha opinião, devemos transliterar o *arboriculture* em arboricultura e, contra a tradição, reservar o termo para nos referirmos à cultura de árvores ornamentais nos espaços urbanos e não às árvores de fruto.

Sem um esforço de clarificação da terminologia e de divulgação do seu uso adequado corremos o risco de obscurecer por completo o significado das palavras com que designamos o nosso objecto de estudo. E mal está uma ciência cujo objecto não está definido de uma forma inequívoca!

Uma classificação das disciplinas hortícolas

As fitotecnias hortícolas podem ser classificadas com base na utilização dos produtos – alimentar ou ornamental – no tipo de plantas cultivadas e em técnicas culturais distintas. Assim, e sem prejuízo de outros agrupamentos que se poderiam considerar e não insistindo em exemplos que não se ajustem a esta compartimentação, podemos sub-dividir a Horticultura da forma apresentada no quadro 1.

Quadro 1. Uma classificação das fitotecnias hortícolas.

		Utilização	
		Alimentar	Ornamental
Espécies predominantes	Herbáceas	Olericultura	
		Plantas Aromáticas e Medicinais	Floricultura
	Arbóreo-arbustivas	Fruticultura	
		Viticultura	Arboricultura

Esta classificação retoma a tradição romana no que respeita à Horticultura Alimentar e aplica uma divisão análoga à Horticultura Ornamental, de definição mais recente. A Viticultura, tal como a Olivicultura ou a Citricultura nalguma regiões, surge como uma fitotecnia autónoma da Fruticultura pela sua importância económica. A tendência mais recente para a autonomização das Plantas Aromáticas e Medicinais permite também destacar esse agrupamento de culturas. Curiosamente, tanto a vinha como as plantas aromáticas e medicinais mereceram destaque na obra de S. Isidoro acima mencionada.

Em conclusão

Parece-me, pois, que a utilização do termo olericultura tem justificação etimológica, legitimidade histórico-linguística, e permite traduzir com clareza e economia de palavras o conceito técnico-científico que lhe é dado na Associação Portuguesa de Horticultura. A sua vulgarização no discurso técnico-científico na nossa versão da língua portuguesa, à semelhança do que se passa no Brasil, seria útil para clarificar o objecto de estudo, evitando confusões, duplicações e indefinições de terminologia. É mais claro, preciso e económico utilizar a palavra “Olericultura” do que a expressão “Horticultura Herbácea Alimentar” ou estar constantemente a especificar o termo Horticultura utilizando as expressões “sentido lato” ou “sentido restrito”. Insistir na tradicional aceção que o termo Horticultura possui em Portugal, referindo-se apenas a um dos grupos de culturas do *hortus* romano, ignorando o significado internacional que é perfilhado pela Associação Portuguesa de Horticultura, é contribuir para dificultar a comunicação com o público de não-especialistas, no qual se incluem os estudantes de Ciências Hortícolas e o público em geral.

Notas

¹ Machado, J. P. 1967. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Editorial Confluência e Livros Horizonte, Lisboa.

² Consultei a edição bilingue em latim e espanhol de Etimologías de San Isidoro de Sevilla. Volume II. Texto latino, versão espanhola, notas e índices por J. Oroz Reta & M. A. Marcos Casquero. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1994.